

A Importância da Habitação na Saúde e na Reprodução do Trabalhador (Brasileiro)

*Graziela de Oliveira**

A habitação é um dos elementos imprescindíveis na reprodução da força de trabalho.

Para manter e desenvolver a sua força de trabalho, o homem necessita abrigar-se. O tipo de abrigo varia segundo a época histórica considerada, segundo as condições econômico-materiais da sociedade. As condições de moradia dependem, ainda, das exigências impostas pelos membros da sociedade, ou seja, do seu grau de organização política.

A moradia preenche, pois, não apenas uma necessidade, como também uma exigência cultural. Necessidade e exigência são determinadas pelo mesmo contexto sócio-cultural.

As condições materiais da habitação agem de diversas formas sobre a saúde do indivíduo.

Uma habitação insalubre, com pouca ventilação e pouca iluminação prejudica diretamente a saúde de seus habitantes. No caso brasileiro, a doença de Chagas, por exemplo, está intimamente ligada às condições materiais da habitação.

A exigüidade da moradia pode, por sua vez, impedir o isolamento de um indivíduo enfermo dos outros membros do grupo arriscando, assim, pela simples falta de espaço habitacional, a saúde dos demais. A moradia condiciona, ainda, o comportamento do indivíduo. Onde não há oportunidade de privacidade pode surgir um comportamento repressivo e reprimido.

A habitação é um bem de consumo mediatizado pelo dinheiro. Habitar não é um pressuposto, mas sim um resultado do trabalho. Isto é, na sociedade capitalista onde a apropriação dos bens neces-

* Doutora em Ciências Sociais e Professora da Universidade Federal da Paraíba.

sários à reprodução do indivíduo não é condição para o trabalho, mas resultado do trabalho, o trabalhador primeiro tem que trabalhar, para depois, então, habitar. O indivíduo não trabalhador — o capitalista —, não necessita trabalhar para habitar, pelo simples fato de ser ele o proprietário das condições objetivas de trabalho e que possibilitam a produção da habitação.

O consumo da habitação depende, pois, da quantidade de dinheiro que o indivíduo pode dispor, ou, em outras palavras, do seu poder aquisitivo.

Resumidamente, as condições de habitação no Brasil se encontram da seguinte maneira:

1. *Qualidade da habitação*

O IBGE distingue dois tipos de habitação: duráveis e rústicas.

Como duráveis são classificadas as habitações com as seguintes características: "...paredes de tijolos, pedra, adobe ou madeira aparelhada; cobertura de telha, zinco ou laje de concreto; piso de madeira, cimento, ladrilho ou mosaico".

As habitações rústicas, por sua vez, são aquelas nas quais predominam "paredes e cobertura de taipa, sapé, madeira não aparelhada, material de vasilhame usado e piso de terra batida."¹

Segundo as estatísticas do IBGE, em 1970 havia 17.628.699 habitações no Brasil. Destas, 13.007.920 foram classificadas como duráveis e 4.620.799 (26%) como rústicas.⁽¹⁾

Em 1978, a situação era a seguinte: de 23.100.567 habitações, 20.041.817 eram duráveis e 3.058.750 eram rústicas.⁽²⁾

No espaço de oito anos houve tanto um aumento no número total de habitações como no de habitações duráveis e uma redução no número de habitações rústicas. Mesmo assim é grande o número de moradias cuja qualidade do material de construção não corresponde ao estágio do desenvolvimento material alcançado pelo País nem às condições mínimas necessárias para a preservação da saúde.

Embora os dados estejam globalizados e não discriminem os habitantes por faixas de renda, não é demasiado inferir-se que as habitações rústicas são ocupadas pela classe trabalhadora, prin-

principalmente pelas camadas de baixo poder aquisitivo.

Junto com a qualidade da habitação, deve ser vista a condição sanitária da mesma.

1.1 — *Condição sanitária das habitações*

Do total de habitações existentes em 1970, 6.953.647 não possuíam nenhum tipo de instalação sanitária. Em 1976 esse número sofreu um pequeno decréscimo, passando para 6.266.477.⁽¹⁾

Em relação ao tratamento de esgoto, a situação era a seguinte, no total do País: em 1960, 1970, 1973, respectivamente, o percentual de habitações com canalização/sistema de esgoto/fossa séptica era de 23,8%, 26,6% e 39,1%.⁽³⁾

Embora sofrendo ligeiros aumentos, o percentual de habitações que possui tratamento de esgoto ainda é muito pequeno. A insuficiência de canalização e/ou de fossas sépticas é especialmente grande nas áreas rurais. Em 1970 apenas 1,7% das habitações rurais eram providas de fossas. Em 1978, esse percentual aumentou para 3,0%.⁽²⁾

No que se refere ao abastecimento d'água, nos anos de 1950, 1970 e 1973 apenas 15,6%, 33,3% e 41,1% das habitações no Brasil possuíam água corrente (água da rede geral, de fontes, etc).⁽³⁾

O destino dos dejetos e o tipo de abastecimento d'água das habitações são de grande importância não apenas para a saúde dos moradores das respectivas habitações mas também para a saúde da comunidade em geral. Dejetos lançados a céu aberto contribuem para a disseminação de epidemias na comunidade, assim como o uso de águas não tratadas, estagnadas em tonéis e/ou em outros recipientes.

1.2 — *Tamanho da habitação em relação ao número de moradores*

Do total de 17.628.699 habitações existentes em 1970, 498.641 (1,82%) eram de um único cômodo, 1.697.186 (9,6%) tinham dois cômodos e 2.941.854 (16,6%) tinham três cômodos. O número de pessoas abrigadas nestas habitações era o seguinte:

Habitações de			nº de pessoas
cômodo	2 cômodos	3 cômodos	p/habitação
152.569	212.593	204.665	1
104.218	322.394	464.041	2
78.601	308.562	530.123	3
57.965	263.301	477.253	4
40.424	202.979	398.522	5
26.199	142.819	288.453	6
16.559	98.389	211.074	7
10.196	63.265	146.100	8
5.749	37.828	94.508	9
5.236	22.815	61.529	10
3.005	22.241	65.586	11 e +

FONTE: IBGE, Anuário Estatístico do Brasil — 1978.

Um grande número de indivíduos — exatamente 2.143.436, isto é, 23% da população, em 1970, morava em condições impróprias para o desenvolvimento da sua personalidade. Esta parte da população é forçada a viver em habitações superlotadas, onde as pessoas necessitam reprimir-se em vários aspectos, para que não ocorram freqüentemente conflitos abertos, o que é normal sob tais condições de moradia. A tranquilidade para leitura ou para introspecção, para o descanso depois de uma jornada de trabalho, muito dificilmente pode ser encontrada, principalmente nas habitações de um só cômodo.

Uma habitação de um só cômodo, onde dez pessoas dormem, comem, cozinham etc; é uma cela onde elas vegetam e se atrofiam.

Em 1970 havia, por exemplo, 3.236 moradias de um só cômodo que abrigavam dez pessoas. Havia ainda 3005 moradias de 1 só cômodo, onde moravam onze e mais pessoas.

2 — Condições de moradia

Quanto às condições de moradia, 10.631.603 habitações eram próprias, 3.355.117 eram alugadas e 3.641.974 eram habitadas sob condições diversas.

2.1 — Relação de aluguel

Uma pesquisa da PUC-RJ nos oferece uma visão dos preços de aluguel no Brasil.

Segundo esta pesquisa o preço médio do aluguel variou em Salvador, por exemplo, no ano de 1977, de acordo com os bairros da cidade. O aluguel em um bairro urbanizado, que dispõe de transporte coletivo, canalização, serviços públicos, como escola, é, na regra, mais caro do que em outros bairros menos urbanizados que não dispõem de infra-estrutura físico e social. O aluguel ainda é condicionado por outros fatores e varia dentro de um mesmo ano considerado.

No terceiro quartel de 1977 o aluguel variou em Salvador entre Cr\$ 2.726,00 e Cr\$ 6.384,00. No último quartel do ano a variação foi de Cr\$ 2.976,00 a Cr\$ 6.723,00.⁽⁴⁾

No mesmo período, no Rio de Janeiro, o aluguel variou entre Cr\$ 2.799,00 e Cr\$ 7.066,00, o que representava 252% e 639% do salário mínimo da época. No último quartel a variação do aluguel foi de Cr\$ 3.014,00 a Cr\$ 7.637,00 e perfazia 272% e 690% do salário mínimo oficial.

A diferença nos preços se relaciona às diferenças no tamanho das habitações de aluguel, na qualidade e na localização das mesmas.

No Rio de Janeiro, por exemplo, o aluguel de uma moradia de um (1) cômodo num bairro da zona sul (a zona melhor provida de infra-estrutura) custava em janeiro de 1978 Cr\$ 3.588,00. Um ano mais tarde, em 1979, custava Cr\$ 4.739,00, o que indica uma variação de preço de 32,1%.

O aluguel mais caro, em 1978 — para uma moradia de 5 cômodos — na zona sul era de Cr\$ 15.135,00 e perfazia 970% do salário mínimo da época. O aluguel mais barato, por sua vez, era de Cr\$ 2.408,00, para uma moradia de dois cômodos na zona suburbana 7. Este preço, perfazia 154% do salário mínimo. A zona (suburbana 70 considerada na pesquisa dista de 2h a 2h30min de ônibus ou de trem do centro da cidade.

Em todos os casos, os aluguéis das habitações^(*) situavam-se num nível superior ao do salário mínimo. Assim, para um grande

(*) Estes dados são baseados nos anúncios de jornais e nas ofertas de agências imobiliárias.

número das famílias trabalhadoras não resta outra solução que não seja abrigar-se numa habitação favelada e ou periférica. Em 1977, por exemplo, enquanto o salário mínimo era de Cr\$ 1.106,40, o aluguel mais barato era de Cr\$ 2.799,00. Em 1978 o salário mínimo era de Cr\$ 1.560,00 e o aluguel mais barato era Cr\$ 2.408,00; em 1979, para um salário mínimo de Cr\$ 2.268,00, o aluguel mais baixo era de Cr\$ 3.458,00.⁽⁴⁾

3. *Habitação favelada e habitação periférica*

Os altos preços de aluguel no perímetro urbano obrigam as famílias trabalhadoras a buscar uma habitação na favela e/ou na periferia da cidade.

As habitações periféricas podem ser duráveis ou rústicas, providas de instalações sanitárias ou não. Todas, no entanto, ficam afastadas do centro da cidade, obrigando o trabalhador a empreender uma viagem de 2 a 3 horas até o seu local de trabalho, aumentando, assim, a sua jornada de trabalho, e seu cansaço físico e mental, devido, entre outras coisas à precariedade do sistema de transportes coletivos. As habitações faveladas, por seu turno, são geralmente rústicas, construídas com material aproveitado — madeira, zinco, papelão, etc. e em terrenos apropriados pelos moradores. Raramente ocorre que uma habitação favelada esteja ligada aos sistemas de esgoto e de abastecimento d'água.

No Rio de Janeiro por exemplo, havia 350 favelas no ano de 1979. Nestas favelas viviam mais de 1.000.000 de pessoas.⁽⁵⁾ Segundo uma outra fonte ⁽⁶⁾ o número de favelas era de 321, onde em 180.000 moradias viviam 1,4 milhões de pessoas, isto é, 25% da população total do Estado do Rio de Janeiro.*

Em 1979, surgiram 19 novas favelas num único bairro do Rio de Janeiro, onde 5.078 moradias foram levantadas⁽⁷⁾ O surgimento de favelas dá conta entre outras coisas, da insuficiência do salário em cobrir as necessidades de moradia.

(*) A diferença nos dados pode ser dada a critérios diferentes de classificação de favelas.

3.1 — *Infra-estrutura e situação higiênica*

Os serviços públicos geralmente não se encarregam do saneamento e urbanização de áreas faveladas. Assim, os serviços de esgoto e canalização e tratamento do lixo são praticamente inexistentes. As favelas localizadas sobre palafitas — em áreas de charco ou de maré, como a favela da Maré na Baía de Guanabara, são as que estão mais expostas a endemias e epidemias.

De modo geral, pois, as condições habitacionais da classe trabalhadora brasileira prejudicam a manutenção a manutenção da força de trabalho do trabalhador e de sua família contribuindo para um desgaste prematuro da sua saúde.

A política habitacional é, indiretamente, política de saúde. O privilégio do acesso à moradia que dispõe de infra-estrutura higiênica-sanitária às camadas de poder aquisitivo é, ao mesmo, um subprivilégio das camadas de baixo poder aquisitivo no acesso a condições saudáveis de moradia e respectivamente na manutenção de sua saúde. A existência do trabalhador está na dependência da venda de sua força de trabalho. Para continuar vendendo a sua força de trabalho e, portanto, continuar existindo na sociedade capitalista, o trabalhador precisa manter a sua força de trabalho em condições normais de saúde e lutar para impedir um desgaste prematuro de sua fonte de renda, ou seja, de sua força de trabalho. Melhores condições de habitação atendem, então, tanto os interesses do capital quanto os do trabalho. Em condições de oferta abundante de trabalho, em que um trabalhador desgastado pode ser facilmente substituído por outro, mais jovem e mais saudável, a exigência de melhores condições de moradia extrapola o campo do especificamente econômico.

REFERÊNCIA

1. IBGE, Anuário Estatístico do Brasil — 1978.
2. Idem, 1980.
3. Banco Mundial. Brazil, Human Resources Special Report. Washington D.C. 1979.
4. PUC-RJ/NEURB. Pesquisa sobre a evolução dos aluguéis. Rio, janeiro de 1979.
5. VEJA, nº 568, Rio, 25-7-79.
6. ISTO É, nº 150, Rio, 7-11-79.